

## ESTUDOS DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TIMOR-LESTE

O presente texto reflete sobre as relações entre ensino e aprendizagem de história, as constituições humanas e sociais, fundamentadas nos estudos do teórico da educação Henry Giroux, sobre “Pedagogia Radical”, os quais concebem a prática docente como ato intencional de conscientização dirigida à transformação social e emancipação humana, por meio da dialogicidade e de articulações entre o político e o pedagógico.

Essa proposição teórico-metodológica tem sido aplicada por mim, enquanto professora e por meus estudantes, desde 2013 na Faculdade de Educação, Artes e Humanidades Departamento de Formação de Professores de Ensino Básico e Faculdade de Ciências Sociais e Políticas – UNTL, nas disciplinas: “História Nacional e Universal”, “Metodologia de Ensino de História e Estudos Sociais”, “História Geral” e no “Grupo de Estudos sobre Ensino de História em Timor-Leste”.

Para Giroux, a escola ocupa uma posição estratégica nas relações de poder. Conformada pelos condicionantes históricos e determinantes sociais que a criam e sustentam, ainda assim, apresenta-se como espaço potencial de pesquisa, produção, socialização e crítica de conhecimentos instrumentalizadores de condutas construtivas de emancipação política e humana.

A formação de professores deve considerar sempre os atuais e futuros docentes como intelectuais, conscientizá-los disso e das possibilidades e consequências de suas ações nessa perspectiva. Assim, nutre-se de elementos que possibilitem a análise crítica sobre as condições fundamentais das práticas materiais e ideológicas da atuação docente. Entre esses elementos, encontram-se a análise constante sobre como e quais as formas de autoridade, os tipos de conhecimentos, as formas de regulação moral, as versões do passado e do futuro são legitimadas e inculcadas nos estudantes.

Seguindo esse referencial, a ação pedagógica para o ensino e aprendizagem de história, dispõe-se a analisar os modos de produção e transformação dos processos culturais a partir de três tipos específicos e relacionados de discurso: o discurso da produção, o discurso da análise do texto e o discurso das culturas vividas.

Para manter as condições do sistema social vigente, as classes socialmente dominantes utilizam-se do aparato tecnológico para reproduzir e distribuir seu conjunto de valores, sentidos, crenças, formas de conhecimentos, tendências, estilos e práticas de linguagens, os quais são definidos socialmente como legítimos.

As tendências culturais são produzidas e reguladas a partir de interesses e grupos, nos determinados contextos sociais e históricos, no intuito de legitimar posições de poder. Assim, o poder constituído, não somente produz conhecimentos que distorcem a realidade, mas, sobretudo, produz uma perspectiva particular da

verdade que atende à reprodução dos interesses que defende.

Os campos acadêmicos/escolares configuram-se como espaços de convivência (assimétricas e conflituosas) e/ou disputas das diversas e complexas representações culturais presentes na sociedade em que se inserem. Essas diversas culturas, dominantes e subordinadas, caracterizam-se por seu poder em definir e legitimar suas visões específicas da realidade. Nesses espaços, a cultura dominante atua instrumentalizada, destitui de poder as experiências culturais das “maiorias excluídas”. Entretanto, como espaço de resistência e contestação, também se podem identificar, valorizar e legitimar as experiências e histórias culturais dos grupos e sujeitos situados como subordinados e, conseqüentemente inscrever suas subjetividades de modo a atender suas reais demandas e especificidades de desenvolvimento de efetiva transformação social.

Desse modo, os dados coletados nas pesquisas sobre história podem passar primeiramente por um processo de análise do discurso de produção, focalizando as influências contextuais como o estado, as organizações da indústria cultural e outras instituições e suas influências nas condições objetivas que constituem os registros selecionados. Fundamentalmente, analisam-se ações e intenções que legitimam determinadas representações sociais e modos de vida no contexto da produção e legitimação dos dados históricos.

Apoiada no discurso das culturas vividas, a ação pedagógica centraliza a necessidade de compreender como os sujeitos no campo acadêmico/escolar compreendem e dão significados às suas vidas a partir de complexas formas históricas, culturais e políticas, que incorporam e produzem. E questionam-se as maneiras usadas para a criação da história, o uso das memórias e narrativas, e como estas imprimem sentidos de determinação e ação. Esse processo cognitivo oportuniza o desvelamento da identidade e das diferentes leituras de mundo, com sua conseqüente representação/legitimação, independentemente da posição social ocupada.

Por fim, o discurso da análise do texto orienta a abertura dos textos situando-os como um processo de produção cultural. Essa ação posiciona os estudantes como produtores ativos de significados. Baseada na dialogicidade e dialética, como condições essenciais à ação social, trata os textos educacionais como constructos sociais historicamente situados, produzidos a partir dos diversos discursos disponíveis, analisados em busca de lacunas, contradições e desvelamentos dos interesses que sustentam e legitimam, identificando suas políticas internas de estilo assim como as consequências e desdobramentos de tais políticas na constituição das representações do mundo social. Também se investigam silenciamentos produzidos e formas de liberações de possibilidades para novas percepções e leituras críticas referentes à compreensão humana e às práticas sociais.

As aulas são planejadas colaborativamente, a partir de diálogos com os alunos, sobretudo no início de cada encontro, ao se analisar o encontro anterior, com seus objetivos, metodologias, conteúdos e resultados. Como recurso pedagógico, além das

aulas expositivas e das leituras coletivas, podem ser feitas visitas a museus, bibliotecas, entrevistas com timorenses, debates e apresentações, sempre precedidos de estudos teóricos e sucedidos de reflexões socializadas.

As produções textuais, também consideradas produções de sentidos da história, seguem a proposição apresentada por Giroux intitulada “um modelo de escrita e história”. Tal metodologia aplica, inicialmente, o estabelecimento do princípio entre causa e efeito. Toma uma matéria (problema), sobre a qual debate-se, considerando os conhecimentos e perspectivas dos estudantes, ao mesmo tempo em que se constituem questões orientadoras para a investigação que será realizada. Posteriormente, selecionam-se e estudam-se dados referentes ao tema (registros bibliográficos, entrevistas, etc.). Os dados são analisados em relação ao contexto social e histórico no qual se inserem e às perspectivas e conhecimentos anteriormente apresentados nas discussões.

A análise dos dados implica selecionar evidências, fazer asserções que as incorporem e apresentá-las em seqüência. A materialização desse processo resulta a composição de um texto, o qual será também lido, explicado e discutido entre os estudantes e grupos. Todas as etapas descritas são realizadas em grupos, por meio de diálogos e contemplam relações entre textos, contextos, sentidos, interesses e influências políticas, estratégias de resistência e afirmações.

No decorrer dos encontros realizados, os alunos constataram a relação entre os registros históricos e a produção de sentidos e valores no contexto da constituição material e ideológica timorense. Evidenciaram também a necessidade de investigações, estudos, discussões e socializações acerca de fatos e memórias, nos âmbitos escolar e acadêmico como ações imprescindíveis para a construção da autonomia dessa nação na perspectiva democrática. Para tanto, é fundamental a valorização de elementos presentes na memória popular, da cultura oral, como recurso de resistência e preservação dos valores, das crenças e de sentidos como instrumentos legítimos de transformação social.

As produções textuais, audiovisuais e orais propiciaram aos estudantes assumir o papel de autores de sua própria história, sob diferentes ópticas, constituindo-se como recurso de aprendizagem e desenvolvimento do pensamento crítico.

Algumas dificuldades fizeram-se presentes durante o semestre letivo, como a necessidade de domínio e fluência da língua portuguesa para ler, estudar, escrever e falar; carência de conhecimentos prévios sobre história nacional e universal, falta de acesso a aparatos tecnológicos, por exemplo. Entretanto, o entusiasmo dos alunos como reflexo do empoderamento propiciado pela condução democrática das aulas e a valorização de sua cultura original, foram fundamentais para a atenuação e superação dos problemas gerais encontrados.

Constatou-se que as diversificadas estratégias pedagógicas usadas propiciaram aos estudantes a análise do exercício da autoria, pois conceituam a história como uma construção que implica processos intencionais de atribuição de significados.

Sobretudo, entendeu-se que o sistema escolar pode atuar como esfera política e cultural dando vez e voz aos sujeitos que compõem a sociedade em que se inserem. E, por meio das expressões e valorização dessas vozes, podem-se identificar planejar e realizar estratégias de conscientização que sustentem a construção da própria história na perspectiva de transformação social e emancipação humana.



Sidneya Gaya

Professora Mestra em Educação (PQLP/CAPES)

email: sidneyamagaly@gmail.com

